

A REVELAÇÃO DO TEMPO E DO ESPAÇO NA POESIA EM MARCHÃ DE S. J. PERSE*

Tina SPANTIDOU
Universidade de Atenas

“Como os conquistadores nômades, senhores de um espaço infinito, os grandes poetas transhumanos... afastando-se do passado, vêem crescer diante deles, incessantemente, uma via que deles mesmos procede”¹. Estas frases, proferidas por S. J. Perse no discurso de Florença, traçam claramente o horizonte de sua poesia, a qual sendo “ciência do ser”², como ele próprio a chama, evoca o pensamento filosófico que afirma que “a imagem poética revela uma ontologia direta, fala no umbral do ser”³, desvelando a nós, deste modo, o campo de uma filosofia da poesia.

Se é verdade, então, que “esta filosofia deve nascer e renascer por ocasião de um verso importante”⁴ conforme diz Bachelard, então Perse, com o verso; “tudo está por retomar, tudo está por dizer”⁵, abre seu âmbito poético sob o selo de um puro cinematismo. Este mover, de origem heraclítica, torna-se o fundamento que suporta o diálogo multívoco⁶ e agente, entre a natureza humana, “clepsidra em marcha na terra”⁷ e o mundo, verdadeira *physis* aristotélica⁸, no corpo vibrante do poema.

O poeta concebe o mundo como *natura naturans* que nunca se cristaliza, tendo como ampla medida o verso:

(*)Tradução de Constança Marcondes Cesar.

“partir-se e crescer”. Mas este fluxo universal pressupõe que tudo palpita sob a força de dois movimentos capitais que se interpenetram, como nos vasos comunicantes: um, interior, da parte do sujeito que espera, que escuta apaixonadamente, que interroga mudamente; outro, exterior, da parte do objeto que se abre, tornando-se diáfano, responde. Os papéis se intercambiam, mutuamente.

Esta relação dinâmica implica um espaço-tempo incessantemente revelado, primeiro sob a troca eu-objeto; sem seguida, sem limites, unido, formando um feixe vibrante que reúne, como uma imensa memória, todos os fios dos dois movimentos que não cessam de crescer, no solo fecundo do vivido, projetando uma equivalência entre o ser e o mover⁹.

Tempo e espaço são pois indiscerníveis sob um perpétuo movimento que visa o ser na sua plena integridade, esvaziando-se gradualmente pelo ressumar das coisas sempre em jogo. Mas, trata-se de um vazio plena, de um “ter lugar”¹⁰. É um vazio iluminado, pleno da aura das coisas errantes, sob o desejo “da imensidão do ser e de sua fusão”¹¹; um vazio “semelhante ao ázimo do bom tempo”¹², afirma o poeta, isto é, um elemento primordial, no sentido em que os pré-socráticos empregavam; vazio que evidencia a luz na escuridão, a ausência na presença.

A migração das coisas é necessária para demonstrar a consanguinidade do mundo e do eu, a maturidade de ambos sob o destino da errância no seio da qual o homem busca seu refúgio utópico. Sua ramificação móvel, seu contínuo desdobrar-se é a condição indispensável para a revelação de um novo espaço-tempo unido e vibrante, que os sucede. Esta outra duração espacio-temporal é “a trama natal da coisa”¹³, a carne do mundo¹⁴, como dizia Merleau-Ponty.

É evidente, cremos, que a revelação da unidade espacio-temporal pressupõe uma nova dimensão, a da emoção¹⁵, que a transforma em unidade espacio-psíquica, produto de um sincronismo vivido¹⁶ com o mundo. Esta sintonia¹⁷ exige, segundo o poeta, um homem “ex-sistente por excelência”¹⁸,

concebido como o “florescimento da aparência”¹⁹, de Heidegger. Um homem-criador, que provoque a abertura do Ser, buscando para tanto o campo necessário no seu ser-mais, nas relações de comunhão (*métexis*) com as coisas, relações essas capazes de construir a quarta dimensão espaço-temporal, o vivido nas “novas terras, adiante, na ascensão dos homens de todas as épocas”²⁰. Estas terras são as paisagens da poesia autêntica, na qual as coisas se abrem, vivas, a fim de se incarnar no momento de seu jorro de entidades verbais.

Neste espaço-tempo, nutrido pela profunda correspondência entre o humano e o cósmico, onde tudo enriquece tudo ao se enriquecer²¹, a opacidade das coisas é substituída pela sua “pureza original”, revelando-se na carne radiosa das palavras que se entregam” ao incessante afluxo do ser”²³. Em vez, pois, de um espaço-tempo deserto, revela-se um “espaço benéfico”²⁴, como diria Bachelard; espaço-tempo que é mescla emocional, novo campo de conhecimento²⁵, modulado segundo a lógica do coração²⁶.

Este espaço também tem como motor um desejo de origem cósmica, que aproxima atualmente o espaço planetário e o espaço universal²⁷, visando “Assombrar o Ser”²⁸. É o desejo de transgressão, estatuto fundamental da poesia per-seana, abertura permanente ao abismo do Ser.

Enfim, é claro que neste feixe local e temporal, espaço-tempo vivo, medida e fibra do ritmo universal, produto do encontro quiasmático entre o eu e o mundo, e da transgressão, todos os espaços e todos os tempos estão presentes: “Nascimento e morte nas mesmas frondes”²⁹, canta o poeta. O que é a ausência de distância, a efusão, o aberto, o súbito esplendor durante o qual o ente fala ao nível de sua verdade oculta, questionando, no seu acontecer, “a grande árvore de luz” que tem aqui “a fonte de seu leite”³⁰, isto é o claro-escuro do Ser.

Na paisagem de sua poesia em marcha, o homem-poeta, Alexis Saint-Leger. Leger, habitante do mundo inteiro,

que busca conduzir-nos à clareira do Ser, ligar-nos à sua permanência e à sua unidade³¹, poeta da vontade e do fazer lúcidos³², ensina-nos que a poesia é modo de vida integral³³, fazendo que os limites espacio-temporais assumam "a medida do coração do homem"³⁴.

NOTAS

(1) Cf. S. J. PERSE, *Obras Completas*, Paris, Pléiade. 1982, p. 457.

(2) Cf. *ibid.*, p. 453.

(3) Cf. G. BACHELARD, *A poética do espaço*, Paris, Quadrige/P. U. F., 1981, p. 2.

(4) Cf. G. BACHELARD, *op. cit.*, p. 1.

(5) Cf. S. J. PERSE, *op. cit.*, p. 1.

(6) Cf. L. LAVALLE, *A presença total*, Paris, Aubier-Montaigne, 1962, p. 56.

(7) Cf. S. J. PERSE, *op. cit.*, p. 197.

(8) Cf. ARISTÓTELES, *Met.*, 4, 104, b, 21-22: "physis... Oten è chinésis è próte én èchasto ton physei ónton é autó iparchei".

(9) O símbolo desta equivalência é o mar, "verdadeiro lugar geométrico" (Cf. PERSE, *op. cit.* p. 570), "diversidade no princípio e paridade do Ser" (*ibid.*, p. 371), unidade espacio-temporal. O mar como campo de crescimento exprime perfeitamente a imagem do espaço-tempo e o poeta a mostra identificada com o ser, "integrando-se infinitamente e integrando em si o próprio homem nos limites do humano" (Cf. *ibid.* p. 570).

(10) Cf. D. I. NASTA, *S. J. PERSE e a descoberta do ser*, Paris, P. U. F., 1980, pp. 180-101.

(11) Cf. S. J. PERSE, *op. cit.* p. 397.

(12) Cf. *ibid.*, p. 113.

(13) Cf. M. HEIDEGGER; *Sobre a essência da verdade*, tr. fr. A. Waelhens - W. Biemel, Paris, Gallimard, 1968, p. 186. Cf. S. J. PERSE, *op. cit.* p. 411: "coisa viva... extraída ao vivo de sua trama natal".

(14) Cf. M. MERLEAU-PONTY, *O visível e o invisível*, Paris, Gallimard, 1964, p. 320.

(15) Cf. S. J. PERSE, *op. cit.*, p. 414: "Uma quarta dimensão".

(16) Cf. Minkowski, *Em direção a uma cosmologia*, Paris, Aubier-Montaigne, 1936, p. 105.

(17) Cf. S. J. PERSE, *op. cit.*, p. 455.

(18) Cf. *ibid.*

- (19) Cf. M. HEIDEGGER, *Carta sobre o humanismo*, tr. fr. R. Munier, Paris, Galimard, 1966, p. 95: "...ek-sistência significa êx-tase, em vista da verdade do Ser".
- (20) Cf. S. J. PERSE, op. cit., p. 199.
- (21) Cf. E. MOUTSOPOULOS, *Filosofia da Kairicidade*, Atenas, ed. Kardamitsa, 1984, pp. 192-196 (em grego).
- (22) Cf. H. BERGSON, *O riso*, Paris, Quadrige/P. U. F. 1985, p. 118.
- (23) Cf. S. J. PERSE, op. cit., p. 446.
- (24) Cf. G. Bachelard, *A poética do espaço*, Paris, Quadrige/P. U. F. 1981, p. 17.
- (25) Cf. S. J. PERSE, op. cit., p. 233.
- (26) Cf. ibid., p. 268.
- (27) Cf. ibid., p. 445.
- (28) Cf. ibid., p. 340.
- (29) Cf. ibid.
- (30) Cf. ibid., p. 267.
- (31) Cf. ibid., p. 446.
- (32) Cf. A. Henry, *Amers de S. J. PERSE*, Paris, Gallimard, 1981, p. 126.
- (33) Cf. S. J. PERSE, op. cit., p. 444.
- (34) Cf. ibid., p. 404.

ABRE A SOMBRA

Tina SPANTIDOU*

Ficas a gosto numa nesga de sol adormecido
 E a tudo traduzes em códigos de luminosa transparência.
 Como porém a incredulidade não se persuade
 uma projeção de sombras sobre insuspeitado linho
 se instala no teu íntimo.

Vê, o inútil, como ele se inclina
 com que nostálgicos disfarces
 te cerra os olhos parcialmente.

Avante, pois, reforça a intensidade da ilusão
 põe a permanência no centeio
 e dancemos o fútil nos intervalos musicais da fuga
 a partida gasta tanto tempo
 nos seus preparativos pacificadores.

(*) Tradução de José Paulo Paes.